

AUTISMO ENTRA
NO CENSO 2022

NEURODIVERSIDADE:
BRASIL TEM 1º LIVRO

MORADIAS
PARA AUTISTAS

REVISTA AUTISMO

ANO VIII - Nº 16 - MAR/ABR/MAI 2022

© IMS - BRASIL *MURICAO*



#AutistaEmTodoLugar

LUGAR DE
AUTISTA
É EM TODO
LUGAR!

ISSN 2596-0539 00016



DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo

Nós acreditamos que tecnologia de última geração é unir as pessoas gerando um efeito transformador

O QUE É A TISMOO.ME?

Tismoo.me é a primeira rede social do mundo totalmente dedicada ao autismo e às síndromes relacionadas.

Uma nova forma de reunir todo o ecossistema do autismo, deixando você a apenas um toque da informação que procura. Conteúdos específicos, que se adaptam perfeitamente ao seu perfil. E com curadoria, para que seja uma informação confiável e transformadora.

Um novo modelo de rede social, pensado para que as pessoas fiquem cada dia mais próximas da medicina personalizada. Tudo isso utilizando o que há de mais moderno no mundo tecnológico: "High Touch Technology" ou alta tecnologia do toque. Uma nova abordagem tecnológica totalmente centrada no indivíduo. Ou seja, a tecnologia a serviço do afeto, do cuidado, do compartilhamento e da humanidade. Afinal, desde sua fundação, a Tismoo tem um único objetivo: aproximar você daquilo que você mesmo considera mais importante!



tismoome the autism network



CIÊNCIA

“A Tismoo.me não só vai aproximar as pessoas da ciência, mas também acelerar as pesquisas sobre autismo e, de um jeito fácil e prático, estruturar os dados com muita segurança e privacidade.”

Alysson Muotri, neurocientista e pai de autista



SAÚDE

“Não estamos falando de uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a terapeutas, a familiares, a autistas.”

Carlos Gadia, médico neuropediatra



JORNALISMO

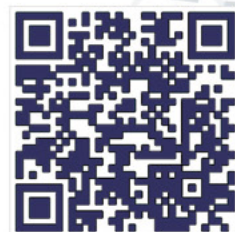
“Queremos não apenas entregar um conteúdo útil e personalizado a cada um, mas sinalizar o quão confiável é cada informação. É muito mais que uma rede social, é uma plataforma que irá transformar este ecossistema, em benefício da pessoa com autismo.”

Francisco Paiva Jr., jornalista e pai de autista



TECNOLOGIA

Veja como conseguir gratuitamente seu convite exclusivo acessando **www.tismoo.me**



Já são milhares de famílias cadastradas.
Cadastre-se e garanta seu convite.

EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano VIII — número 16

Março de 2022

ISSN: 2596-0539

Distribuição gratuita

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 20.000 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Maurício de Souza

Colaboradores deste número:

Amauri de Araújo Sousa, Beatriz Raposo, Camila Alli Chair, Diego Lomac, Elyse Matos, Fábio Sousa (tio. faso), Fátima de Kwant, Fernanda Barbi Brock, Haydée Freire Jacque, Lucas Ksenhuk, Lucas Nolasco, Luciana Viegas, Kamilla Brandão, Marcelo Vitoriano, Marcos Maia, Mauricio de Sousa, Nicolas Brito Sales, Samanta Paiva, Sophia Mendonça, Tiago Abreu, Varienka Leão, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Academia do Autismo, Grupo Método, Clínica Somar, Supera Farma.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi
Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoie

Redação: redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas: CanalAutismo.com.br/assine

Site: CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/user/RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: issuu.com/RevistaAutismo

Editado por: PAIVA JUNIOR

R. Bela Cintra, 336 - cj. 74-A, Consolação
São Paulo (SP), CEP 01415-000

CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

EDITORIAL

Chegamos a mais um Dia Mundial de Conscientização do Autismo, mais um 2 de abril. Ainda sob uma pandemia, o que limita os eventos e manifestações públicas e nos exige muita criatividade para romper a bolha da comunidade ligada ao autismo e conseguir comunicar uma mensagem de conscientização à sociedade.

Conscientizar para incluir, em todos os aspectos, em todas as áreas, a pessoa autista para que seus direitos — os escritos e os não escritos — não sejam negados, tolhidos ou limitados. Incluir.

Conscientizar em busca da aceitação, seja da sociedade para com os autistas, seja entre os próprios autistas, sejam de pais a seus filhos ou outros autistas da comunidade ou vice-versa. Aceitar é o primeiro passo para a busca de uma melhor qualidade de vida, independente de quais sejam os desafios de cada um, de cada história, de cada contexto. Aceitar inclui!

Conscientizar a fim de mais diagnósticos, mais informação, mais gente autista que possa saber que é autista, mais pais que não só corroborem a hereditariedade (de cerca de 81%) apontada por estudos científicos, mas que se reconheçam autistas e possam encarar suas questões pessoais com

mais propriedade, mais suporte, mais autoaceitação e compreensão. E mais tolerância com seus filhos e a comunidade como um todo. Diagnóstico inclui.

Conscientizar por respeito e menos preconceito, por um olhar mais vigoroso sobre os potenciais em detrimento das limitações, pela valorização das habilidades e não das fraquezas. Respeito inclui.

Por fim, todo mundo tem o direito de ser respeitado e incluído, por isso: lugar de autista é em todo lugar!

FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro "Autismo — Não espere, aja logo!" (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 14 anos, que tem autismo e é muito rápido para fazer contas de cabeça, e da Samanta, de 12 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.

**NOTA DO EDITOR**

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para redacao@RevistaAutismo.com.br

Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

ÍNDICE

**EU NÃO TENHO
ONDE MORAR!**

pág.16

**JORNALISTA
LANÇA 1º LIVRO
BRASILEIRO SOBRE
NEURODIVERSIDADE**

pág. 32

**IBGE INCLUI
PERGUNTA SOBRE
AUTISMO NO
CENSO 2022**

pág. 38

**OUVIR, ENTENDER
E COMPREENDER
PARA ATENDER!**

pág.42

**POSTER
EXCLUSIVO!
#AUTISTAEMTODOLUGAR**

pág.26

2 de abril
Dia Mundial da
Conscientização do Autismo

SESSÕES

o que é autismo?	pág.08
hq - andré e a turma da mônica	pág.09
comunidade na causa	pág.34
crítica cultural	pág.40
canal autismo	pág.44

COLUNAS

matraquinha	pág.10
tudo o que podemos ser	pág.14
introvertendo	pág.26
liga dos autistas	pág.48
autismo severo	pág.50



LUGAR DE AUTISTA É EM TODO LUGAR!

reportagem de capa

pág.29

REVISTA
AUTISMO

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão online
desta edição com
conteúdo extra.



Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie-nos para nosso email (veja nesta página ou no expediente).



[instagram.com/RevistaAutismo](https://www.instagram.com/RevistaAutismo)



[fb.com/RevistaAutismo](https://www.facebook.com/RevistaAutismo)



twitter.com/RevistaAutismo



[youtube.com/user/RevistaAutismo](https://www.youtube.com/user/RevistaAutismo)



[linkedin.com/company/RevistaAutismo](https://www.linkedin.com/company/RevistaAutismo)

Quem colaborou nesta edição

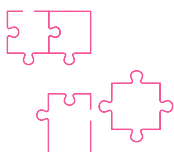


Apoie este projeto:
CanalAutismo.com.br/apoie

Assinaturas:
CanalAutismo.com.br/assinev

CanalAutismo.com.br/Revista

redacao@RevistaAutismo.com.br



Artistas que ilustraram esta edição



**LUCAS
KSENHUK**

Artista plástico, 20 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

📧 lucasksenhuk.com
📷 @lucasksenhuk.art/



**LUCAS DIAS
TANGG**

Estudante, sempre se interessou por desenho e temas que retratam a dualidade do ser humano". Tem um chulé danado".

📷 @_tangg_



**BIA
RAPOSO**

Artista plástica, arte educadora e provocadora cultural, ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu. Se apaixonou.

📷 @biabiaraposo



**FÁBIO
SOUSA**

Designer de formação, ilustrador por paixão, bonequeiro profissional e autista diagnosticado tardiamente.

📷 @seeufalarnaosaidireito



**FERNANDA
BARBI BROCK**

Autista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

📷 @fer.barbi.brock



**MAURICIO
DE SOUSA**

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

📷 @institutomauriciodesousa
📷 @turmadamonica



**ALEXANDRE
BERALDO**

Designer, ilustrador e gestor cultural, é o responsável pela edição de arte da Revista Autismo e outros projetos artísticos.

📷 @xandberaldo

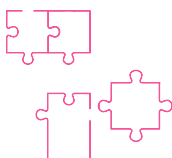


**SAMANTA
PAIVA**

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 12 anos, é fã da banda Now United e afirma "Não tenho chulé!".

**Quer colaborar com
a Revista Autismo?**

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a Revista Autismo, envie um email para **editor@RevistaAutismo.com.br**, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).





CONTEÚDO
EXTRA ONLINE

Use o QR-code
ao lado para
ir ao site.



O QUE É AUTISMO?

Saiba a definição do Transtorno do Espectro do Autismo

O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que necessitam — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.031 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja

apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Alguns sintomas como irritabilidade, agitação, autoagressividade, hiperatividade, impulsividade, desatenção, insônia e outros podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico. Dentre os medicamentos indicados, a risperidona, que é da classe dos antipsicóticos atípicos, é o mais comum.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher com TEA).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista (representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito com o espectro de cores do arco-íris), considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa

— data celebrada originalmente em 2005, pela organização britânica *Aspies for Freedom* (AFF).

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da juventude. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online.

Sinais de autismo:

- Não manter contato visual por mais de 2 segundos;
- Não atender quando chamado pelo nome;
- Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;
- Alinhar objetos;
- Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;
- Não usar brinquedos de forma convencional;
- Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;
- Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;
- Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);
- Não compartilhar interesse.
- Girar objetos sem uma função aparente;
- Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);
- Não imitar;
- Não brincar de faz-de-conta.
- Hipersensibilidade ou hiper-reatividade sensorial;



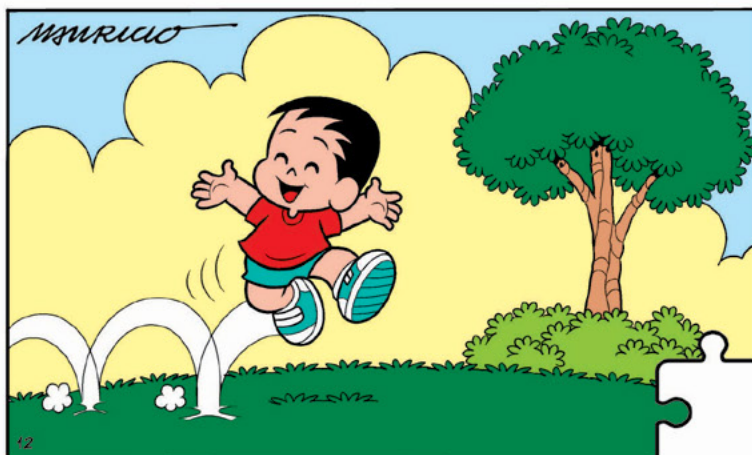
INSTITUTO
MAURICIO
DE SOUSA



REVISTA
AUTISMO

ANDRÉ em DOIS DE ABRIL

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2022



Matraquinha



Wagner Yamuto

é pai do Gabriel (que tem autismo) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

f matraquinhaoficial
 @matraquinhaoficial
 matraquinha
 matraquinha.com.br

Ilustração: Bia Raposo - @biaraposo

ESCOLA DO DESFRALDE

Como está sendo o desfralde do seu filho? Por aqui foi um processo bem tranquilo, mas nem sempre foi assim.

Quando começamos a pesquisar escolas para matricular nosso filho, a primeira pergunta que os amigos faziam era:

— O Gabriel já desfraldou?

O desfralde ainda não tinha acontecido, o Gabriel tinha 2 anos, e tampouco tínhamos o diagnóstico de autismo.

Começamos a correr contra o tempo, afinal de contas, isso é quase considerado um crime segundo as “regras sociais”, e foi nesse

exato momento que as coisas começaram a ir ladeira abaixo.

Além dos desafios que o meu filho precisava enfrentar por causa do autismo, ele ainda precisava entender o que estava acontecendo com o seu corpinho. As frustrações, estereotípias e crises aumentaram conforme o nível de estresse foi crescendo.

De certa forma, ele sabia que precisava dar conta daquela nova demanda que foi imposta, e por outro lado, eu, que deveria ser um porto seguro, estava mais preocupado com as tais regras sociais. Perdi a paciência por



diversas vezes, me aborreci e acredito que ele tenha percebido em meu olhar os sinais de que não acreditava que ele conseguiria superar aquele desafio.

Tivemos que criar uma rotina de levá-lo ao banheiro de hora em hora para minimizar os famosos escapes de xixi. Além disso, para a hora do cocô, tivemos que aprender sobre leitura corporal.

— Como assim, leitura corporal?

Toda vez que ele precisa fazer cocô, o corpo dele apresenta determinados sinais que antecedem o evento e aprendemos a fazer essa leitura. Simples assim, sem regras e fórmulas mágicas.

Hoje, com 12 anos de idade, ele passou a pedir para fazer xixi e finalmente conseguimos aposentar a fralda geriátrica no período noturno. Deixamos acontecer naturalmente, e o sinal de que ele estava preparado foi a própria fralda, ela já vinha amanhecendo seca por um bom tempo.

Atualmente, eu entendo que esse processo deveria ser mais respeitoso e, se tivéssemos que passar por algo parecido, minha escolha seria buscar outra instituição de ensino. A mesma sociedade que me julga, não me acolhe e vira as costas quando eu mais preciso.

“Xixi, xixi, xiiiiiiiiiiiiii acho que escapou aqui”... Deixa eu correr lá!

**Mais de
5.000**
exemplares
vendidos

Um livro ideal
para quem acabou
de receber o
diagnóstico ou
está em dúvida
sobre uma suspeita
de autismo.

**NAS
MELHORES
LIVRARIAS**



**AUTISMO –
NÃO ESPERE,
AJA LOGO!**

autismo.paivajunior.com.br

EDITORA M.BOOKS

M.BOOKS

Compreender o autismo é o começo para um mundo sem preconceitos.

2 de abril - Dia Mundial da Conscientização do Autismo

FOTO: Estela Marconi



O autismo não é uma doença, não é uma síndrome, é uma condição. A sociedade precisa entender o que é, para poder acolher, aceitar as diferenças e respeitar. A importância do dia dois é de poder levar informação às pessoas, esclarecer o que realmente é o autismo.

Mariana Alckmin é mãe do Gabriel e do Daniel, fisioterapeuta no Grupo Método e fundadora do grupo de pais TEApoio

O Grupo Método é um Centro de Intervenção Comportamental Multidisciplinar que atende todas as faixas etárias de pessoas autistas ou com outros transtornos comportamentais. Além da parte clínica, o Grupo Método ministra cursos para profissionais, pais e cuidadores de pessoas TEA.



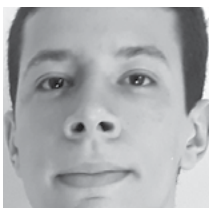
Inscreva-se no site para conteúdos exclusivos produzidos pela nossa equipe clínica.

Tudo o que
podemos ser

EXPERIÊNCIA FANTÁSTICA

Este ano de 2022 já começou cheio de surpresas! E por que eu estou dizendo isso?! Bom, para começar, minha família e eu ainda não estamos dando palestras por conta da pandemia (e com razão). Porém, depois de quase 2 anos sem viajar, minha mãe recebeu uma proposta de atendimento pessoal em uma cidade do interior de Minas Gerais. Quando fiquei sabendo disso, eu não vou mentir, fiquei super desconfortável e com muito medo, achando que era uma má ideia, que seria perigoso, que talvez não fosse seguro etc.

Mas, eu fui incentivado pelos meus pais, que foram me ensinando e “quebrando minhas objeções” (expressão que aprendi agora).



Nícolas
Brito Sales

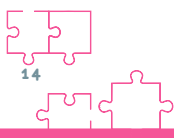
Ilustração: Lucas Ksenhuk - @lucasksenhuk.art

tem 23 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo, profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”, no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

📷 @nicolasbritosalesoficial

✉ tudooqueeupossoser@gmail.com

#AutistaEmTodoLugar



Eles me explicaram tudo e me deixaram mais confortável. Me disseram que íamos ter experiências diferentes e que era muito importante para nós, profissionalmente. Minha mãe já foi em outros lugares (Recife, Rio de Janeiro), mas dessa vez ela achou que seria legal eu ir junto e ajudar a aplicar os protocolos. E de certo modo, acabou dando tudo muito certo. Eu até me surpreendi ajudando a aplicar os testes e eu servi como reforçador também, porque a menina que foi atendida já me conhecia da Internet. Resultado: foi maravilhoso, de verdade.

Conhecemos uma família muito legal e muito querida, e eu acabei fazendo amizades novas nessa viagem. Não que tenha sido um completo “passeio no parque”, pois a gente sofreu uns bocados. Ficamos sem energia, sem internet, pegamos chuvas na estrada, mas eu tenho consciência de que, para mim, foi um grande avanço em relação à minha maturidade. Eu tenho certeza que se eu fosse uma criança, ou até mesmo um adolescente nessas situações, eu entraria em crise muito fácil. E isso me dá uma sensação muito boa só de pensar que fui bastante maduro pelo fato de ter ficado uma semana fora de casa, em um lugar que eu não queria estar.

Ah, e também nós fomos muito mimados lá. Ganhamos presentes (muito legais, por sinal!), comemos coisas diferentes e eu experimentei tudo que me deram de diferente, além das conversas com minhas novas amigas. São duas irmãs gêmeas, de 19 anos, que são muito simpáticas, legais, inteligentes e muito agradáveis. Além dos pais delas e das pessoas que trabalhavam lá, enfim, tudo maravilhoso de verdade!

Sim, eu tive dúvidas se seria bom e tive muita insegurança, mas foi uma experiência fantástica. Mas, não tem lugar melhor que o lar, ainda mais nessa época de pandemia. Voltamos para casa com a missão cumprida e foi muito legal fazer novas amizades e conversar pessoalmente com outras pessoas. Obviamente, com todas as precauções, porque todos tinham que usar máscara o tempo todo.

Será que irei para mais lugares? Não sei! Vai depender de onde será, e se minha mãe vai me levar como ajudante. Se for seguro, eu vou. Afinal, já sou um homem e preciso trabalhar.





MÁRCIA LOMBO MACHADO

dedica-se há 23 anos ao estudo, trabalho e pesquisa envolvendo pessoas com autismo e suas famílias; é mãe de dois filhos - o mais jovem, de 25 anos, é autista -, arquiteta, pedagoga e mestre em Ciências, pelo Programa de Mudança Social e Participação Política da USP.

✉ marciaflm@gmail.com

#AutistaEmTodoLugar

EU NÃO ONDE M

Quem seria a pessoa mais indicada para falar sobre autistas poderem morar fora da casa dos pais? Certamente um autista que mora longe dos pais! Uma dessas pessoas é o Luiz Noronha, 32 anos, que não mora com a família desde 2007, quando saiu da pequena São Gonçalo do Sapucaí, sul de Minas Gerais, e foi para São Paulo.

Nossa conversa com Luiz abre esta matéria e retoma a série de reportagens "Moradia para pessoas com autismo", publicadas nas

'Nós, mães e pais, não somos eternos!'

Ilustração: @xandeberaldo

TENHO MORAR!

edições 7 e 8 desta Revista —“O direito ao seu próprio lugar” e “A utopia possível”, respectivamente—, além de três mini documentários. Um tema fundamental que envolve qualidade de vida e o impacto profundo nas famílias, mas é deixado em segundo plano.

A série foi interrompida pela pandemia, mas a questão persiste e ganhou contornos ainda mais nítidos. Foram várias as notícias de mães e pais não idosos, além de avós e responsáveis por jovens e adultos, que faleceram de Covid-19 sem que houvesse, previamente, acontecido a transição em que os filhos já tivessem sua residência “adulta” estruturada.

Esse período expôs o que as famílias ainda se negam a encarar: nós, mães e pais, não somos eternos, e tão

certo quanto nossa partida é o fato de que ela pode acontecer a qualquer momento. Já essa transição, enquanto os pais ou responsáveis estão aptos a acompanhar o processo, encorajando e apoiando seus autistas e/ou pessoas com deficiência, faria com que jovens e adultos fossem poupados do desgaste de enfrentar uma mudança radical e inesperada do cotidiano, somada à própria tragédia de perder o ente com quem viviam.

Construção de uma vida independente

Na vida do Luiz Noronha, a mudança ocorreu naturalmente. “A decisão foi conjunta [com a família], quando eu tinha 18 anos e estava prestes a começar a fazer vestibulares”, conta ele. Desde então, Luiz experimentou três tipos diferentes de moradia. “Estudei na Universidade de Taubaté [em Taubaté-SP], morei numa quitinete lá, tinha uma moça que limpava a casa pra mim e era bem isolado”, conta ele, que também dividiu um apartamento com outra pessoa, conhecida pela página do Facebook @

Três realizações de Moradias & Autistas no Brasil

dividirapartamento. “Atualmente, alugo um quarto com direito a usar a casa toda, na Vila Mariana [São Paulo], onde moro até hoje, desde setembro de 2014”.

A Vila Mariana está entre os bairros preferidos para se morar na capital paulista, tem ótima infraestrutura, localização privilegiada — próxima à Avenida Paulista e ao parque mais famoso de São Paulo, o Ibirapuera — e acesso a toda a cidade, com três estações de metrô e múltiplas linhas de ônibus. “Eu uso o transporte coletivo, depois da pandemia continuei usando, apenas não aglomero com pessoas. A distância pode ser um problema dependendo do horário que você deseja, mas tendo uma tolerância mínima (de atraso) em qualquer evento, é tranquilo”, explica Luiz. Ele acredita que, no momento, a localização de sua casa ajuda a vida independente, em todos os lugares onde trabalhou, a mobilidade não foi problema.

Questionado sobre o que morar sozinho lhe proporcionou, Luiz cita como vantagem “poder viver na cidade que tem mais opções”,



Luiz e sua gata, que ficou na casa dos pais.

acrescenta que não ter mais contato com pessoas com quem conviveu quando era criança, nem ver muitas pessoas de sua cidade são pontos positivos, e considera que sua vida “passou a ser mais tranquila”. Quanto às desvantagens ele cita: “Estar longe de minha gata. O nome da gata é Clarissa”, e como qualquer jovem, autista ou não, dispara: “Não poder comer a comida de minha mãe”.

Trabalho, independência e foco no futuro

Luiz foi estagiário na Defensoria Pública de São Paulo de 2011 a 2014. Depois de formado, trabalhou numa locadora de carros, como PcD, mas a empresa fechou e ele arranhou um novo emprego num escritório de advocacia. “Não me dei muito bem, pois lá o ambiente era bem agressivo e ‘desacolhedor’”, conta Luiz, que

“Minha vida passou a ser mais tranquila”

não desistiu e acabou conseguindo algo melhor: “Fiquei 3 anos e meio num grande escritório [de advocacia] onde foi muito acolhedor, trabalhando por 1 ano e meio em home office”. Durante a pandemia, um concurso que prestara para um cargo público o chamou, e hoje ele trabalha na Prefeitura de São Paulo.

Sobre a pandemia, Luiz diz que sua maior dificuldade foi a adaptação ao uso de máscara, mas está se acostumando, e quando perguntado se em algum momento pensou em voltar para a casa de seus pais, ele é enfático: “Não pensei em voltar pois estou pensando no

futuro, que é ter um apartamento próprio. O meu objetivo agora é comprar um apartamento simples para viver”.

Inovação em 1993

Oferecer aos adultos com deficiência intelectual um futuro, numa opção de vida não atrelada

à convivência em família. Era 1993, e pouco se falava sobre inclusão no Brasil, quando a Aldeia da Esperança recebeu seus primeiros residentes em Franco da Rocha, cidade da região metropolitana de São Paulo.

O projeto do CIAM-Centro Israelita de Apoio Multidisciplinar, de São Paulo, foi adaptado pelo brasileiro Ariê Pencovici e inspirado no *kibutz* Kfar Tikva que ele dirigia em Israel. Um *kibutz* é uma forma de coletividade comunitária autônoma israelita, caracterizada por uma organização igualitária e democrática onde as pessoas vivem e trabalham. O modelo em Israel é uma comunidade inclusiva e um “lar para a vida”.

Na Aldeia da Esperança, havia um programa de residência assistida, até hoje, único no Brasil, não associado à política pública, que se baseava na locação de casas individuais para cada morador, pagas pelos familiares. O projeto era dimensionado para cem residentes, mas até 2019, quando foi encerrado, a ocupação nunca alcançou esse número.

Buscamos detalhes de como era a vida nessa moradia com Mário Martini, ex-diretor da Aldeia, que mora em Jundiaí, cidade vizinha à Franco da Rocha, e é psicólogo com dedicação ao trabalho social. Ele descreveu um trabalho árduo, entre residentes com muita dificuldade e outros que já chegavam com a vida funcionalmente organizada, eram adultos de 25, 30 anos, já haviam passado por médicos e diagnósticos. Mário conta que

ali, o que trazia resultado para a vida prática, muitas vezes, era o trabalho de aquisição de coisas simples: amarrar um sapato, dar e receber um abraço. “Precisa amar pra caramba, é preciso estar junto, gostar muito, é preciso querer.

“É preciso estar junto, gostar muito, é preciso querer”



Google Earth

Aldeia da Esperança, fechada desde 2019.

"Cuidar de gente
não é caro. Caro
é largar."

Não tem que entender de patologia, para isso tem que entender de gente", enfatizou.

A fisioterapia era uma preocupação e havia uma estrutura física muito boa na Aldeia para isso, conta Mário: "Era um custo muito alto e nenhum convênio governamental cobriria, para manter a estrutura era sempre uma batalha", e o equilíbrio para zerar as contas seria de 50 ou 60 residentes. "Tem público, mas não tem público com dinheiro pra manter os custos", ele opina, e diz que residência terapêutica no Brasil é raro e caro: "Só que cuidar de gente não é caro. Caro é largar (...) o custo vai se multiplicando. Fora o abandono".

Mário menciona pontos altos concretizados na Aldeia: a paz de os residentes poderem ser o que eles eram, cada um poder se expressar da maneira que conseguia e ser respeitado, além de também contribuir com o trabalho do jeito que podia. Por outro lado, ele acredita que "Havia pouca possibilidade de viver sem controle, [o projeto] não ousou nesse sentido" de "uma comunidade com cidadãos, porque eles gostavam da Aldeia, onde era, inclusive, construída essa autonomia de ir morar fora, ter seu apartamento".

E arremata: "As residências eram isso. Cada um tinha a sua característica, o seu potencial. Cada um era olhado em sua busca de qualidade de vida. Então, o desejo contínuo da Aldeia era esse, e



Eduardo, Manuela, Nicolas, Juliana e Pedro: os primeiros moradores.

tem que trabalhar muito (...) a frustração não pode ser problema. O problema é desistir”.

Vida independente: Rio de Janeiro, 2021

Quase trinta anos depois, a primeira moradia independente para pessoas com deficiência do Brasil está no Rio de Janeiro e tem como protagonistas Eduardo, 30; Juliana, 26; Manuela, 26; Nicolas, 30 e Pedro, 31 — seus primeiros moradores. O ousado projeto-piloto é do Instituto JNG, está antenado na realidade social urbana e decorre do custoso percurso da inclusão e do pós Declaração Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência para transformar um perfil cultural brasileiro de “isolamento protetivo” em outro, de direitos e diversidade.

Entre os cinco primeiros residentes, dois estão no espectro autista. Na moradia, cada um tem seu apartamento, sua privacidade e sua própria rotina “Em primeiro lugar, o ponto de observação deve ser centrado na pessoa com deficiência” é a afirmação de Flávia Poppe, diretora do Instituto JNG, que conversou

conosco do apartamento de seu filho, um dos residentes, e frisa: “a rotina é de cada um: se um acorda cedo, ou tarde, se vai pro trabalho, se não vai, se vai fazer outra coisa”.

O projeto-piloto não tem prédio exclusivo, funciona em uma unidade do ULiving, uma moradia estudantil, com moradores diversos, com ou sem deficiência, localizada no Flamengo — também um bairro preferido para se viver no Rio, com parques, metrô e demais itens estruturantes para uma pessoa se integrar à comunidade local. “Eu acho que, dentre os modelos de moradia hoje, deve haver essa opção urbana porque a inclusão deve se dar de uma maneira naturalizada”, explica Flávia.

O projeto tem um lema que traduz a visão do Instituto JNG, contrária ao capacitismo: “Juntos, Podemos Viver Sozinhos”, e traz em seu bojo o conceito *housing first* — que já norteia programas na Europa, América do Norte e Ásia — no qual a moradia

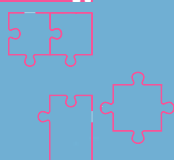
deve ser o primeiro passo para as demais aquisições e soluções de problemas. Mas, como fazer isso na prática, considerando as realidades de pessoas com deficiência? Flávia foi até a Inglaterra e encontrou um modelo que responde à questão. “O modelo inglês é o Ability Housing, que foi adaptado e estamos aplicando. Não é uma franquias, mas é totalmente inspirado nele”. A diretora e mãe fala com a convicção de quem viu o modelo funcionando na Inglaterra e diz estar vendo agora [no Rio de Janeiro] algo muito próximo do que observou lá.

Apoio: a inteligência do projeto

“O marco diferencial do que nós estamos oferecendo é a privacidade. Assistindo a essa série que foi lançada, *As we see it* (...) do ponto de vista da moradia, eu só fico corroborando a importância de você ter um espaço privativo (...) um apartamento em que você tenha o seu banheiro, a sua cozinha, se você quiser comer sozinho (...) se você não quiser sair, você tem tudo e você se vira”, descreve Flávia. Sobre como vem funcionando a concretização da proposta ao longo dos três primeiros meses, ela ressalta que a base de apoio é o lastro de tudo e a viabilização do projeto. O espaço para a base de apoio precisa estar num local de visibilidade e fácil acesso, e durante esse tempo já se percebeu que ele se torna uma espécie de ponto de encontro dos moradores.

A base de apoio no projeto-piloto fica no mesmo andar dos apartamentos, e os residentes sabem que ali está toda a referência. Com pessoal 24 horas por dia, supervisão e coordenação, a base mantém interlocução com as famílias e profissionais de saúde de cada morador. “Por outro lado, esse apoio não é espontâneo

“Juntos, podemos viver sozinhos”.



e improvisado no dia a dia”, por-
menoriza Flávia, “existe uma ‘inte-
ligência na base’ que é a avaliação
de perfil que foi feita [previamen-
te] do residente (...) a metodologia
que a gente trouxe da Inglaterra”.
“E essa avaliação de perfil não é pra
saber se a pessoa é apta ou inapta
pra morar sozinha. É pra conhecer
o tipo de apoio que ela vai preci-
sar e a quantidade de horas. No
final, isso vai determinar o preço”.
“Então”, ela continua, “o modelo é
feito pra qualquer nível de severida-
de da deficiência, porque a pessoa
com muita necessidade de apoio,
ou muita dependência, vai ter um
apoio de muitas horas, e a pessoa
com pouca necessidade vai ter um
apoio de menos horas”.

O processo de uma avaliação ro-
busta é a base do projeto a ser re-
plicado. Os custos são por conta de
cada morador/família, o projeto
não conta com aporte financeiro do
poder público, nem patrocínio da
iniciativa privada.

“Nesses três meses a gente já fez
um ajuste, começamos com uma
estrutura de apoio excessiva e ra-
pidamente percebemos que estava
superdimensionada” conta Flávia.
Coisas que a avaliação de funcio-
nalidade apontou como complexas,
mostraram-se naturalmente vividas
pelos moradores, “e isso é muito im-
portante, aí o *housing first* funciona,
o fato de você estar sozinho na sua
casa, ele vai naturalmente buscar o
que precisa fazer. É natural!”, en-
fatiza ela.

“Tem muita frente de batalha pra
seguir, mas eu acho que a frente de
batalha mais desafiadora que exis-
te é: ‘a família não está vendo isso
ainda!’”, acentua Flávia, e conti-
nua: “Existe um perfil que tem uma
quantidade enorme de pessoas que
cabem dentro de um projeto desses.
E aí vão dizer: ‘Mas como? E a pes-
soa que tem deficiência múltipla? E é

totalmente dependente? E que fica
na cama?’ E eu digo: ‘Gente, vamos
tratar a exceção como exceção’”. A
solução do Instituto JNG se baseia
numa relação profissional, com uma
equipe que tem em mãos o perfil de
cada morador e os recursos para aju-
dá-los a desenvolver habilidades. E
Flávia arremata: “Eles assumem as
suas vidas e tem gente ali. É uma
química que a gente espera que pro-
lifere, porque até aqui, está tudo nas
costas das famílias”.

Nas três experiências, chama
nossa atenção a histórica ausência do

**“A pessoa deve
buscar como
dá pra viver no
futuro, e se estiver
dentro da realidade,
vá em frente”**



Dia de mudança para a nova casa

poder público que, até aqui, segue
uma lógica “contábil” de não gastar,
de não investir em bons projetos de
moradia em lugares com infraestrut-
tura, e com isso gera gastos muito
maiores em saúde e assistência so-
cial, tanto para autistas e pessoas
com deficiência adultos, quanto para
suas famílias.

O fio condutor parece estar na
certeza de que limites existem para
serem superados, e é nosso dever,
como cidadãos e humanos, buscar
o impossível que pode estar bem
ao nosso alcance se nos despiremos
da nossa pretensa “normalidade”
para vestir a coragem de derrubar

preconcepções alicerçadas em nossa
tradição. Enfrentar o descaso de dé-
cadas, de governos e da sociedade,
é também parte da coragem neces-
sária, não em favor de nós mesmos,
mães e pais, mas em favor de quem
amamos. Coragem como a do Luiz
Noronha: “Tendo a pessoa um au-
tismo leve quanto o autismo pesado
(...) ela deve buscar modos de como
dá pra viver no futuro, e se estiver
dentro da realidade, vá em frente”. 🌟

Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Acesse

[CanalAutismo.com.br/assine](https://canalautismo.com.br/assine)

AUTISTAS E SEUS DESAFIOS NO

C O L U N A

Introvertendo



Luca
Nolasco

Ilustração: tlo .faso - @seeufalanaosaidireito

é aficcionado por cubos mágicos e gastronomia. Diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista em 2017, é um dos fundadores e apresentador do podcast Introvertendo. Atualmente, Luca cursa Biomedicina na Universidade Federal de Goiás (UFG).

f introvertendo
@introvertendo
introvertendo
www.introvertendo.com.br

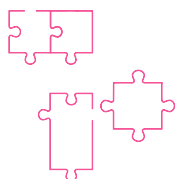
Episódio cíclico na vida de milhões de brasileiros, o Exame Nacional do Ensino Médio, ou ENEM, conhecido por sua complexidade, representa níveis adicionais de dificuldade para pessoas com deficiência. No prisma do autismo, múltiplas variáveis podem ser vistas como impeditivos na prova para pessoas no espectro. Contudo, é evidente o esforço das últimas edições para abrigar pessoas com deficiência com maior conforto.

Tendo em vista a gigantesca pressão sobre cada participante, determinado grau de estresse é inevitável. Porém, tratando-se do autismo e suas especificidades individuais, o estresse pode tornar-se incapacitante. Essa questão já foi relatada amplamente por todo espectro em provas anteriores, mas o despreparo institucional é notório no tratamento com pessoas de grau mais avançado do transtorno, que podem não ter suas necessidades especiais respeitadas por conta do padrão organizacional do exame.

Ao antecipar situações como esta, pessoas com deficiência são

alocadas para prestar a prova em instituições específicas e profissionais propriamente instruídos. Mesmo assim, é inevitável que candidatos com comportamentos não vistos como habituais pela instituição, como pessoas com transtorno epilético, candidatos ruidosos, falantes de libras, entre outros, podem se encontrar desamparados, tornando ainda mais exasperante uma situação já tão complexa para o participante.

Ainda não existe solução concreta para esse problema, pois cada indivíduo com deficiência representa uma necessidade distinta, mas, com a nova possibilidade do ENEM Digital, talvez alguns desses candidatos possam contar com uma opção melhor. O ENEM Digital possui incontáveis limitações e inacessibilidades, entre elas, a necessidade de uma rede de banda larga constante e computadores modernos, segregando milhões de candidatos da possibilidade desse modal. Entretanto, pessoas que já se veem segregadas rotineiramente, se possuírem recursos para tal, talvez escolham o exame digital.



R E V I S T A
AUTISMO

Leia este QR-code com a câmera
do seu celular para acessar todo o
material (100% gratuito) da campanha
nacional 2022 para o Dia Mundial de
Conscientização do Autismo ou acesse:
campanha.RevistaAutismo.com.br



**02 de
Abril**

**Dia Mundial de
Conscientização
do Autismo**





LUGAR DE AUTISTA É EM TODO LUGAR!

#AutistaEmTodoLugar



INSTITUTO
MAURÍCIO
DE SOUSA

Uma campanha:

REVISTA
+ **AUTISMO**

REVISTA
AUTISMO



FATIMA DE KWANT

é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo

✉ autimates@gmail.com
🌐 www.autimates.com
f Autimates
📷 @fatimadekwant

LUGAR DE AUTISTA É EM TODO LUGAR!

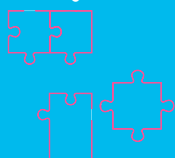
Tema do Dia Mundial
de Conscientização
do Autismo 2022
pede inclusão na
sociedade, em
todos os aspectos



tempo voa, muita coisa mudou com a pandemia, mas uma das que permanecem – graças a Deus – é a comemoração do Dia Mundial de Conscientização do Autismo (2 de abril), data criada pela ONU – Organização das Nações Unidas – em 18 de dezembro 2007. A primeira celebração desse dia foi feita em 2 de abril de 2008, com a iluminação de prédios e monumentos marcantes na cor azul, eleita como “a cor do autismo”, com a finalidade de chamar a atenção da sociedade para a causa do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

De 2008 até os dias atuais houve mudanças em vários temas relacionados ao autismo, a começar pela contestação da cor azul e do símbolo do quebra-cabeças por um grande grupo de autistas adultos que se manifestam pelas redes sociais; autistas que encontraram uma forma de informar a sociedade sobre suas diversas perspectivas em relação ao TEA.

Dentre as informações que merecem destaque nos informes do Dia Mundial do Autismo 2022 está a alteração da taxa de incidência de autismo, recentemente estimada em 1 a cada 44 crianças, pelo CDC (Centers for Disease Control and Prevention – o Centro de Controle de



O autismo é mais frequente do que pensam, e a maior parte dos autistas não é como a maioria dos autistas que conhecem.

Doenças e Prevenção do governo dos EUA), que serve de referência mundial. Além do aumento de diagnósticos de TEA, a introdução dos dados de autismo no Censo 2022 e a nova classificação de autismo na atualização da CID-11 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas Relacionados com a Saúde – são ocorrências que não passam despercebidas para as comunidades do autismo do Brasil.

Porém, não somente as novidades científicas merecem ser compartilhadas publicamente, como também as transformações advindas da gradual mudança de paradigma pela qual passa a deficiência em geral, e, no caso do TEA, mudança das concepções da sociedade sobre o que, de fato, significa ser autista. Afinal, o significado do autismo, e o modo como a sociedade lida com uma pessoa neurobiologicamente atípica passam por uma transição iniciada há mais de uma década pelos movimentos internacionais do TEA para reconhecimento e inclusão da pessoa autista.

“Lugar de autista é em todo lugar” é o tema eleito pelas comunidades de autistas e de suas famílias para celebrar o dia 2 de abril de 2022; uma

frase que expressa o anseio básico de quem lida com o TEA no dia a dia, por respeito, aceitação, acolhimento e inclusão – o objetivo de todos que lutam pela causa do autismo. Não há inclusão sem a consciência de que pessoas autistas podem ser tão capazes quanto as não autistas, que elas têm habilidades e limitações como qualquer outra pessoa, que suas vidas têm o mesmo valor, e que a inclusão não é favor, mas um direito humano.

Pessoas não autistas costumam ter dificuldade de entender o que é tão óbvio para quem bem conhece o universo autista. Uma delas é que o autismo é mais frequente do que pensam, e a maior parte dos autistas não é como a maioria dos autistas que conhecem. É, portanto, em relação à sociedade que desejamos o Dia Mundial do Autismo seja repleto de informações que aumentem seu conhecimento sobre o TEA, um Trans-torno do Neurodesenvolvimento intrigante, onde nenhum autista é igual ao outro, mas também onde todos, absolutamente todos, merecem estar em qualquer lugar onde desejem estar.

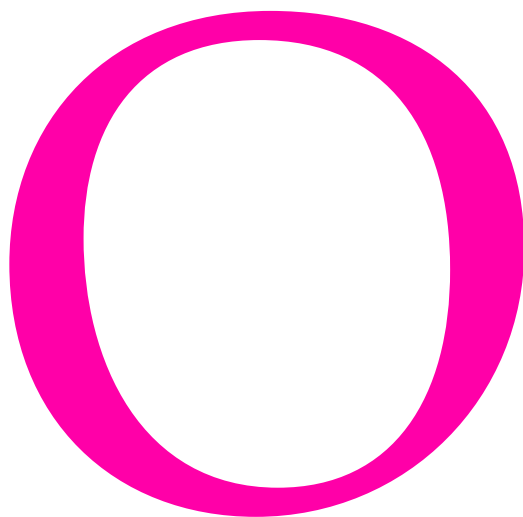
Feliz Dia Mundial de Conscientização do Autismo! 🧡

#AutistaEmTodoLugar

JORNALISTA LANÇA PRIMEIRO LIVRO BRASILEIRO SOBRE

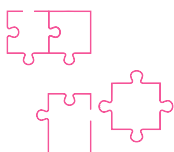


NEURODIVERSIDADE



jornalista e podcaster Tiago Abreu lançou, em 4.fev.2022, o livro “O que é neurodiversidade?”, publicado pela Cãnone Editorial, e primeira obra com essa abordagem escrita no Brasil. Para o autor, a ausência de publicações em português sobre esse tema foi a sua principal motivação para escrever o livro. “A maioria das referências que temos são em inglês. Isso dificulta bastante a vida de quem quer entender o mínimo sobre neurodiversidade”, afirma.

O termo neurodiversidade foi criado pela socióloga australiana



Judy Singer, na segunda metade da década de 1990, e diz respeito à diversidade neurológica na população humana. Desde então, o tema é frequente nas discussões sobre autismo e deficiência. Mais recentemente, questões sobre neurodiversidade se tornaram presentes em debates de gênero, sexualidade, meio ambiente e mercado de trabalho.

Contexto histórico

A obra traz o contexto histórico do conceito de neurodiversidade, as repercussões sociais, as críticas e, também, a perspectiva do uso da expressão no Brasil ao longo do tempo. “A ideia foi ser um livro introdutório, com um panorama geral sobre o tema e acessível para a maioria das pessoas, mas ao mesmo tempo rigoroso e acadêmico”, explica Tiago Abreu.

A leitura é imprescindível para quem deseja conhecer mais sobre termos como “neurodivergente”, diversidade neurológica e sua ligação com o autismo, transtorno de déficit da atenção com hiperatividade (TDAH) e outras particularidades. Em texto leve e muito acessível, o jornalista traz as principais informações sobre o tema de maneira muito concisa e fluida.

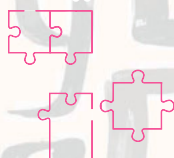
O livro (impresso e digital) pode ser comprado no site da editora ou em livrarias como a Amazon Brasil e muitas outras.

O autor

Tiago Abreu é podcaster, jornalista, escritor e colaborador deste Canal Autismo / Revista Autismo. Há uma década, estuda e pesquisa neurodiversidade no contexto do ativismo autista no Brasil. Atualmente, é apresentador e produtor do Introvertendo, principal podcast sobre o autismo no país. Também é autor do livro Histórias de Parattinga (2019). 🍀

Contatos:

✉ canoneeditorial.com.br/
📷 @introvertendo/
📺 @otiagoabreu



Comunidade
na Causa

INSTITUTO ICO PROJECT

“Pensar diferente muda o mundo”

Fundado pelo casal Emilia-
no e Elyse Matos, de Curitiba, o
Instituto Ico Project nasceu da
vontade de transformar em le-
gado social a adversidade que
viveram quando do diagnósti-
co de autismo de seu filho mais
velho, Enrico (o Ico).

Com o ambicioso propósi-
to de eliminar os estigmas na
sociedade em relação à pessoa
com deficiência, especialmente
à pessoa autista, o Instituto Ico
Project busca atingir esse pro-
pósito através de conhecimento
e capacitação..

Para isso, o Instituto bus-
cou parcerias pioneiras com
a fundação americana Autism
Speaks e com a Organização
Mundial da Saúde que visam
implantar, na saúde pública de
Curitiba, um programa de trei-
namento de pais de crianças de
2 a 9 anos que tenham atraso
no desenvolvimento.

O papel do Instituto Ico Pro-
ject é financiar a implemen-
tação dessa política pública e
coordenar sua estruturação e
capilarização para as unidades
de saúde primárias. É um pro-
grama desenhado para ser exe-
cutado por não especialistas, e
isso o torna de amplo impacto
social em curto prazo, exigindo
baixo investimento financeiro.

O programa está em estágio
piloto de validação metodológica

em mais de 30 países e, no Bra-
sil, sua realização foi conferida
ao Instituto Ico Project, que está
iniciando a última fase de im-
plantação. A ideia é que após
finalizada a fase piloto o progra-
ma possa ser disseminado para
atingir os segmentos da popula-
ção com índices mais elevados
de vulnerabilidade social.

As metas do programa de trei-
namento de pais da OMS são au-
mentar as habilidades da criança,
formar redes de apoio, ensinar
aos pais/cuidadores formas efi-
cazes de estimular suas crianças
de modo a aumentar as chances
de melhora em seus déficits de
desenvolvimento. A metodologia
foi desenhada para que se possa
atuar nos mais diversos contextos
econômicos e sociais.

O programa estabelece nove
encontros presenciais em grupos
de oito famílias e três visitas do-
miliares. Portanto, trata-se de
um programa global que pode
ser individualizado na medida
em que pode ver o contexto fa-
miliar dos envolvidos.

Além da implantação do Pro-
grama de Treinamento da OMS,
o Instituto promove dinâmicas
de sensibilização em empresas,
capacitação de equipes para o
atendimento da população au-
tista, congressos científicos e a
execução de espaços de acomoda-
ção sensorial.



Elyse
Matos

*é fundadora do Instituto
Ico Project, advogada,
filantropa e coordenadora
nacional do programa de
treinamento parental da
OMS e Autism Speaks.*

Com apenas 2 anos de existência, o Instituto Ico Project coordena, nacionalmente, um movimento que unifica mais de 50 associações em todo o país — movimento Capricha na Inclusão — e busca práticas baseadas em evidência na saúde e na educação.

O lema é “pensar diferente muda o mundo”. Assim, queremos convidá-la(o) a pensar e agir diferente para transformar o mundo conosco! 🧩



mosaico

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

No dia 10 de janeiro de 2022, foi inaugurado o novo Centro Terapêutico de Desenvolvimento Humano Mosaico, localizado na cidade de São Pedro da Aldeia Região dos Lagos/RJ.



Todos os profissionais da clínica são capacitados pela Academia do Autismo, instituição de ensino especializada na área. O novo espaço contém sala de integração sensorial, minicidade, casa modelo, playground, horta, sala de esportes e 15 salas de atendimento infanto-juvenil, além de um espaço para atendimento de adultos e famílias.

O suporte é prestado de acordo com as necessidades do cliente, tendo toda equipe multidisciplinar, tais como: fonoaudiólogos,

terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, psicólogos, psicopedagogos, musicoterapeuta e nutricionista. Além desses, a clínica oferece intervenção comportamental ABA para crianças com TEA e/ou atrasos no desenvolvimento, ciência com robustas evidências científicas para o desenvolvimento deste público.

Vejam que espaço lindo e aconchegante, que a equipe preparou com muito carinho! Entre em contato com as redes abaixo e agende uma visita, acompanhe de perto esse projeto!



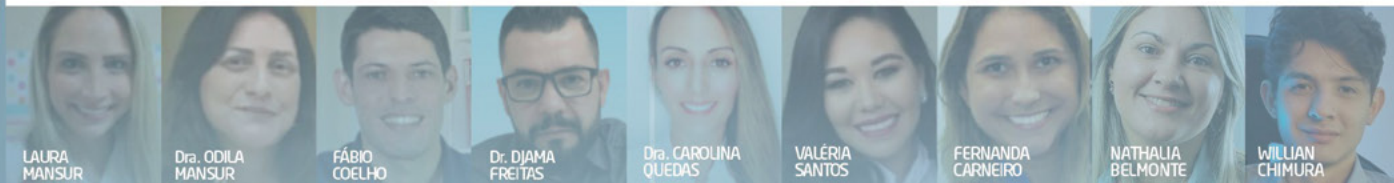
Seja **Especialista em TEA** e torne sua clínica ou consultório uma **referência**.



PÓS-GRADUAÇÃO EM

Transtorno do Espectro Autista

Avaliação e intervenção baseada em evidências.



MÓDULOS

DISCIPLINA 1

Professor(a) responsável: Laura Mansur

NOME: Contextualização e Critérios Diagnósticos.

MÓDULO 1 - História do Autismo no Mundo;

MÓDULO 2 - Sinais de alerta para o Transtorno do Espectro Autista (TEA);

MÓDULO 3 - Diagnóstico de TEA;

MÓDULO 4 - Dúvidas frequentes.

DISCIPLINA 2

Professor(a) responsável: Dra. Odila Mansur

NOME: Desenvolvimento infantil e Intervenção precoce.

MÓDULO 1 - Neurodesenvolvimento típico;

MÓDULO 2 - Transtorno do Espectro Autista (TEA);

MÓDULO 3 - Identificação Precoce de Riscos para Autismo (TEA);

MÓDULO 4 - Intervenção Precoce no Autismo (TEA).

DISCIPLINA 3

Professor(a) responsável: Fábio Coelho

NOME: Avaliação e Planejamento das Intervenções derivadas da Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

MÓDULO 1 - Análise do Comportamento aplicada ao TEA;

MÓDULO 2 - Ensino de tentativas discretas;

MÓDULO 3 - Estratégias de ensino naturalísticas;

MÓDULO 4 - Estudos de caso.

DISCIPLINA 4

Professor(a) responsável: Dr. Djama Freitas

NOME: Neuropsicologia.

MÓDULO 1 - Princípios fundamentais da Neuropsicologia;

MÓDULO 2 - Desafios enfrentados nas Avaliações Neuropsicológicas aplicadas ao TEA;

MÓDULO 3 - Instrumentos neuropsicológicos usados na avaliação dos TEA;

MÓDULO 4 - Manejos Comportamentais na avaliação neuropsicológica aplicada ao TEA.

DISCIPLINA 5

Professor(a) responsável: Fábio Coelho

NOME: Habilidades sociais.

MÓDULO 1 - Habilidades sociais e TEA;

MÓDULO 2 - Avaliação das habilidades sociais;

MÓDULO 3 - Ensino de Habilidades sociais;

DISCIPLINA 6

Professor(a) responsável: Dra. Carolina Quedas

NOME: Desenvolvimento motor e Avaliação no Transtorno do Espectro Autista

MÓDULO 1 - Desenvolvimento motor em bebês e sinais precoces de autismo;

MÓDULO 2 - Desenvolvimento motor na infância e adolescência;

MÓDULO 3 - Desenvolvimento motor na fase adulta;

MÓDULO 4 - Avaliações motoras aplicadas no TEA.

DISCIPLINA 7

Professor(a) responsável: Valéria Santos

NOME: Linguagem e Comunicação Alternativa.

MÓDULO 1 - Desenvolvimento da Comunicação Oral e os Transtornos da Linguagem Oral na infância;

MÓDULO 2 - Abordagem fonoaudiológica no TEA;

MÓDULO 3 - Comunicação Aumentativa Alternativa;

MÓDULO 4 - Como se tornar um parceiro de Comunicação eficiente.

DISCIPLINA 8

Professor(a) responsável: Fernanda Carneiro

NOME: Terapia Ocupacional e Reorganização Sensorial.

MÓDULO 1 - A Teoria de Integração Sensorial de Ayres;

MÓDULO 2 - Compreendendo As Disfunções de Integração Sensorial;

MÓDULO 3 - Regulação Sensorial e Estratégias;

MÓDULO 4 - O Conhecimento do Desempenho Ocupacional e suas alterações.

DISCIPLINA 9

Professor(a) responsável: Nathalia Belmonte

NOME: Educação Inclusiva e Ensino Estruturado.

MÓDULO 1 - Falando de autismo e estrutura;

MÓDULO 2 - O ensino estruturado;

MÓDULO 3 - Modelo TEACCH;

MÓDULO 4 - Práticas de Avaliação e intervenção no TEACCH.

DISCIPLINA 10

Professor(a) responsável: Willian Chimura

NOME: Metodologia científica.

MÓDULO 1 - Metodologia da pesquisa 1

MÓDULO 2 - Metodologia da pesquisa 2

MÓDULO 3 - Metodologia da pesquisa 3

MÓDULO 4 - Metodologia da pesquisa 4

Faça parte do grupo de pós-graduandos da Academia do Autismo no Whatsapp, onde integrará uma rede de profissionais de todo o Brasil, que se especializarão e se tornarão referências juntos.

Faça parte da primeira pós-graduação em TEA do Brasil, organizada por uma das maiores instituições focadas exclusivamente no Transtorno do Espectro Autista em todo o território nacional.



CERTIFICADO
Carga horária:
600h /12 meses



ACADEMIA DO
AUTISMO
por Fábio Coelho

LISTA DE ESPERA

pos.academiadoautismo.com.br

DÚVIDAS SOBRE A PÓS-GRADUAÇÃO
ENTRE EM CONTATO POR: (22) 98842-8540

IBGE INCLUI PERGUNTA SOBRE AUTISMO NO CENSO 2022

Item está no
questionário maior,
respondido por
menos famílias

#AutistaEmTodoLugar

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fez a inclusão de uma pergunta sobre autismo no questionário de coleta de dados para o Censo de 2022, que começa em junho e termina em agosto deste ano, período em que os recenseadores visitarão todos os domicílios do Brasil.

ilustração: Samanta Paiva

17 AUTISMO (PARA TODAS AS PESSOAS)

76

17.01 JÁ FOI DIAGNOSTICADO(A) COM AUTISMO POR ALGUM PROFISSIONAL DE SAÚDE?

☐ 1 - SIM

☐ 2 - NÃO

Encerre o bloco e siga para 18.01



18 PRESTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES (PARA TODAS AS PESSOAS DE 12 ANOS OU MAIS DE IDADE)

77

18.01 ASSINALE QUEM PRESTOU AS INFORMAÇÕES DESTA PESSOA:

☐ 1 - A PRÓPRIA PESSOA

☐ 2 - OUTRO MORADOR

☐ 3 - NÃO MORADOR

Se (questo 18.01 igual a 1 ou 3), encerre a entrevista

Se (questo 18.01 igual a 2), siga para 18.02

18.02 NOME DO OUTRO MORADOR:

Encerre a entrevista

19 DADOS DE CONTATO

19.01 NOME:

Trecho do Questionário de Amostra do Censo 2022, do IBGE, com a pergunta sobre autismo.

São dois tipos de formulários e a questão sobre autismo está no Questionário de Amostra, que é mais detalhado e utilizado numa parcela menor da população (11%). A pergunta — de número 17 do formulário — é a seguinte: “Já foi diagnosticado(a) com autismo por algum profissional de saúde?”, tendo sim ou não como resposta.

A Lei 13.861, que obriga a inclusão da pergunta no censo, foi sancionada em julho de 2019, com a ajuda do apresentador Marcos Mion, que foi à Brasília para isso. “Depois de quatro horas de reunião e muita discussão para todos os lados, a comunidade autista foi ouvida, respeitada e contemplada”, disse Mion na época.

Segundo o IBGE, “Os resultados serão divulgados entre

os anos de 2022 e 2025 em diferentes mídias, múltiplos formatos e em diversos recortes espaciais, buscando atender às demandas dos variados segmentos do público”.

Questionário Básico e de Amostra

O Questionário Básico da pesquisa conta com 26 questões e investiga as principais características do domicílio e dos moradores. Além disso, uma parcela dos domicílios é selecionada para responder ao questionário da Amostra, que conta com 77 questões. A investigação nos domicílios selecionados, efetuada por meio do Questionário da Amostra, inclui, além dos quesitos presentes no Questionário Básico, outros mais detalhados e sobre temas específicos: características dos domicílios, identificação

étnico-racial, nupcialidade, núcleo familiar, fecundidade, religião ou culto, deficiência, migração interna ou internacional, educação, deslocamento para estudo, trabalho e rendimento, deslocamento para trabalho, mortalidade e autismo.

Serão investigados cerca de 78 milhões de domicílios particulares permanentes do País. O questionário da amostra — com a pergunta sobre autismo — será aplicado em aproximadamente 11% desse contingente, ou seja, cerca de 8,5 milhões de domicílios

Veja o questionário amostra do IBGE completo: (acesse o link na versão online desta reportagem). Acima destacamos o trecho em que aparece a pergunta sobre autismo, a de número 17. 🟡

NOSSO JEITO DE SER

(AS WE SEE IT)



Diego Lomac

é videomaker, fotógrafo e editor, graduado em Cinema, Rádio e TV e irmão de Rafael, autista de 25 anos.

✉ diegolombomachado@gmail.com

📷 [@diegolomac](https://www.instagram.com/diegolomac)

📧 diegolomac.com

“Você não vai ser meu namorado”, disse Violet, uma das protagonistas com autismo de *As We See It*. “Eu quero um namorado normal.” E a resposta da série foi: “Por quê? Me diz, qual é a graça de ser ‘normal’?”

As We See It acompanha o dia-a-dia de três personagens no espectro autista: Harrison, Jack e Violet, que passam a semana juntos em um apartamento com a cuidadora Mandy. Em um marco na TV, a série de drama/comédia tem todos seus três protagonistas interpretados por atores que também estão no espectro na vida real. A autenticidade na performance, combinada com o roteiro de Jason Katims, vencedor do Emmy 2011, que já teve *Parenthood* em seu portfólio para abordar Asperger em séries, faz com que *As We See It* consiga tocar em uma ampla variedade de assuntos pertinentes à vida das pessoas com TEA.

Jack talvez seja o personagem mais “familiar” para quem já consumiu conteúdos semelhantes: Ele é um programador com

Ficha Técnica

Título original:

As We See It

Série: **1 temporada**

Ano de produção: **2021**

Elenco: **Rick Glassman,**

Sue Ann Pien, Albert

Rutecki, Chris Pang, Sosie

Bacon, Joe Mantegna

Criador: **Jason Katims**

Gênero: **Comédia, Drama**

Disponível em:

Amazon Prime Video

problemas para conseguir manter sua posição no trabalho por não se portar como seu chefe gostaria, apesar de ser extremamente inteligente. Além disso, precisa aprender a lidar com o recente diagnóstico de câncer de seu pai, e com um súbito romance com a enfermeira da clínica de oncologia. Sua história é boa, mas dentro dos padrões que já foram explorados anteriormente em outras produções, como *The Good Doctor* e *The Big Bang Theory*.

Harrison é o personagem com mais sensibilidade sensorial, e isso o levou a um nível de extrema agorafobia e sedentarismo.

AMAZON ORIGINAL



#AutistaEmTodoLugar

AS WE SEE IT

prime video

Sua história na série é focada em superar seus medos, e na dificuldade de outras pessoas compreenderem e aceitarem sua amizade com seu vizinho, uma criança (sendo que ele tem mais de 20 anos), além de seu sentimento de solidão e abandono por sua família estar se afastando.

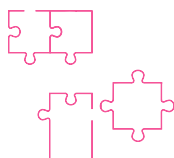
E então chegamos a Violet. E aqui, um aviso: durante os primeiros episódios, a série causa desconforto. Não por estar fazendo algo errado, mas sim porque essa é a intenção. Porque está fazendo tudo exatamente como deveria. Não há nenhuma romantização aqui, a ideia é mostrar exatamente como é a realidade da vida de uma pessoa autista em um mundo que

não a acomoda, onde o que é um pouco difícil para outras pessoas pode ser uma odisséia para quem tem autismo.

Isso é presente para os três personagens, mas para Violet mais do que tudo, porque o centro de sua história é a busca por romance. E a abordagem da obsessão dela por conseguir namorar a qualquer custo, de sua frustração quando as coisas não dão certo, e de suas brigas com seu irmão mais velho Van, que está tentando protegê-la, mas ao mesmo tempo impedindo que ela consiga ter uma vida própria e aprenda com os próprios erros, é de longe a parte mais complexa e interessante da série. E algo completamente diferente, e muito mais real, do que qualquer abordagem feita sobre o assunto anteriormente nas telas.

Junto disso, temos o dilema

de Mandy, a cuidadora, que está dividida entre seguir uma carreira acadêmica em outro estado, ou continuar ali, cuidando de três pessoas cujo progresso depende dela. Em oito episódios, há uma enorme evolução de personagens condensada ao longo de cada minuto. Mas, ao longo da série, a lição constantemente apresentada é a de que as pessoas ali não estão passando por essas experiências por estarem no espectro. E sim porque todo mundo vive. E todo mundo tem algo borbulhando por baixo da superfície. E todos precisam de espaço e companhia para conseguir se entender e resolver os seus próprios problemas.





VARIENKA LEÃO

*é psicóloga com especialização em neuropsicologia,
tem formação em ABA e é membro da ABRAÇA
(Associação Brasileira de Ação e Direitos dos Autista).*

#AutistaEmTodoLugar

OUVIR, ENTENDER E COMPREENDER PARA ATENDER!

E considerar a pessoa autista
na individualidade

e entendermos o conceito de terapia como tratamento e considerarmos a pessoa autista na individualidade, por que usar as técnicas de intervenção que têm como meta a mudança dos comportamentos não aceitos pela sociedade, quando o autista se percebe mais seguro e satisfeito consigo, ou com sua vida, a partir do próprio modo de se comportar?

Na clínica psicológica, tenho me deparado com autistas leves (nível 1) que trazem para a terapia essa queixa ou reflexão. Inclusive, recentemente, fui procurada por uma jovem adulta que buscava no perfil de uma psicóloga o real entendimento da pessoa autista como alguém que não deseja ser “transformado” no seu jeito de viver: “Procuro uma psicóloga que entenda os autistas”. Ela falou sobre os psicoterapeutas insistirem em intervenções que modifiquem alguns aspectos do comportamento quando, na verdade, muitos desses aspectos contribuem para que a pessoa se sinta mais segura para seguir na vida, do jeito dela. “Tenho muito apego à minha rotina”, me disse a moça que não busca terapia para flexibilizar essa área, pois é assim que ela se sente confortável. Em vinte anos estudando e

Ilustração: Revista Autismo

trabalhando no universo autista, lidando com os pacientes e suas famílias, tenho aprendido sobre as questões mais sutis desse ambiente. Entre elas está a principal: o entendimento que o psicólogo adquire lidando diretamente com o paciente autista, observando muito além do que o jeito de se comportar. Ouvir o que o paciente tem a dizer, ou de alguma forma expressar, é muito importante e faz a boa diferença!

Jim Sinclair, em 1993, escreveu em seu artigo: "O autismo não é algo que uma pessoa tenha, ou uma concha na qual ela esteja presa. Não há nenhuma criança normal escondida por trás do Autismo. O autismo "é um jeito de ser", é pervasivo, colore toda experiência, toda sensação, percepção, pensamento, emoção e encontro, todos os aspectos da existência. Não é possível separar o Autismo da pessoa. E se o fosse, a pessoa que você deixaria não seria a mesma com a qual você começou" (Nossa Voz, volume 1, n. 3).

Na minha prática clínica, sempre busquei recursos que motivassem a adesão das crianças e jovens autistas à terapia psicológica. Através da observação dos seus comportamentos e principalmente na forma de eles se expressarem, meus pacientes sempre me abriram uma "janela" que servia como um canal de entrada para a interação com eles. Hoje, já não é mistério o uso de um interesse específico para que ocorra uma conexão inicial e a consequente empatia com o autista, mas ainda é muito frequente a orientação de terapeutas na área multiprofissional para que os pais tirem da criança e dos adolescentes seus objetos ou temas de interesse, quando poderiam utilizar desses recursos a favor do desenvolvimento deles. Aqui, chamo a atenção para a pessoa autista! O que ela pensa? Como se vê no autismo? Como se sente? Certa vez, ouvi de um paciente adolescente: "Doutora, meu irmão comentou que tipo de psicóloga era a senhora, que permitia que eu levasse meu notebook para a sessão. Eu respondi para ele: 'é que ela me entende!'" Naquele momento, eu pesquisava sobre os interesses dele para ter um instrumento de mediação que favorecesse os diálogos na sessão. Esse rapaz trouxe o computador para me mostrar as suas proteções de tela, pois elas tinham efeitos especiais visuais e auditivos *hi-tech*, dos quais ele gostava muito, sabia muito e queria falar sobre. Pronto! Conexão

estabelecida, empatia em desenvolvimento e era só ir em frente no processo psicoterápico.

Afinal, para que serve a psicoterapia para o autista? Não seria para preservar a saúde mental? Buscando por definições, a saúde mental de uma pessoa está relacionada à forma como ela reage às exigências da vida e ao modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, idéias e emoções. "Ter saúde mental é estar bem consigo mesmo e com os outros. Aceitar as exigências da vida". Para dar um maior sentido para esse trabalho, vem na minha memória mais um depoimento de um paciente, autista adolescente, quando me disse um "muito obrigado Doutora!" e completou dizendo que antes da terapia ele se achava "doido", por ser desajeitado e muitas vezes se descontrolar no ambiente da escola. Depois que soube como é o autismo através do trabalho que realizamos, utilizando os desenhos que ele mesmo fazia nos seus cadernos da escola, ele viu que não era um doido e sim, um autista.

Para concluir, a reflexão sobre entender e compreender para então intervir, passa por essa questão prática: não se trata de negar a importância dos treinos comportamentais para facilitar o aprendizado das habilidades consideradas básicas para o desenvolvimento da pessoa no espectro autista, mas oportunizar, na área psicológica, o ambiente de escuta e compreensão desse indivíduo para além dos treinos, validando o seu jeito de ser. ✚

CANAL AUTISMO

VEJA ALGUNS DESTAQUES RESUMIDOS DO CANAL AUTISMO, QUE PUBLICA CONTEÚDO DIÁRIO SOBRE AUTISMO. PARA LER OS TEXTOS COMPLETOS DE CADA NOTÍCIA, ACESSE O SITE CANALAUTISMO.COM.BR

Estudo revela aumento de pesquisas sobre autismo em idosos

Um estudo investigou a frequência de pesquisas sobre autismo em idosos. A revisão foi feita pelos pesquisadores David Mason, Gavin Robert Stewart, Simone Josephine Capp e Francesca Happé, e publicada no periódico *Autism in Adulthood*, em 10.jan.2022.

Reprodução / Governo de São Paulo



#AutistaEmTodoLugar

Saiba mais no
canalautismo.com.br



 AUTISMOSOMAR

 AUTISMOSOMAR.COM.BR

Conviver com as diferenças é fundamental.
E para não deixar passar em branco, temos um dia inteirinho dedicado a conscientização sobre o autismo.

**CONTAMOS COM VOCÊ NESSA LUTA
PARA ACOLHER, ENSINAR E INCLUIR.**

2 de abril - Dia Mundial de Conscientização do Autismo

UNIDADES (PE)

NOVA
UNIDADE

PIEDADE

Rua Coronel
Waldemar
Basgal 344

TORRE

Rua Marquês
de Maricá, 48
(81) 3441-5656
(81) 3039-5656

BOA VIAGEM

Rua Dona
Benvidade de
Farias, 465
(81) 3465-3913

OLINDA

Rua José
Batista da Costa
Azevedo, 37
(81) 3039-5656



Famílias de autistas reclamam de exclusão em matrículas escolares pelo Brasil

Famílias de pessoas autistas têm denunciado exclusões e recusa de matrícula em colégios em vários lugares do Brasil. Em estados como: Goiás, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Minas Gerais, pessoas têm sofrido e denunciado discriminação (além da Lei Berenice Piana sendo infringida) por escolas públicas e privadas.



Reprodução / Governo de São Paulo

Estudo revela que comorbidades do autismo estão relacionadas com a desigualdade social e étnica

Um estudo publicado em dezembro de 2021, por pesquisadores da Universidade Drexel, nos Estados Unidos, revela que comorbidades diagnosticadas em autistas, como esquizofrenia, hipertensão, diabetes e obesidades são mais comuns em autistas negros e latinos do que em autistas brancos. De acordo com o estudo, autistas negros também têm de 25 a 50% menos chances de serem diagnosticados com ansiedade e TOC. 🇺🇸

#AutistaEmTodoLugar

Tomar consciência e respeitar as diferenças são atitudes para as **peças se encaixarem**.



jamef
É JÁ!

2 de Abril,
é celebrado o **Dia Mundial
da Conscientização do Autismo**



O quebra-cabeça é o símbolo do autismo que comprova sua diversidade e complexidade.

Cada um de nós pode ser uma peça fundamental para disseminar informações sobre esse transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a capacidade de comunicação e interação social do autista.

Em apoio a causa de conscientização da sociedade, colaboramos com a distribuição da Revista Autismo em todo Brasil.

Conhecer mais sobre o autismo, nos torna peças-chave de sua difusão para uma convivência social mais respeitosa e inclusiva.

Acompanhe nossas redes:



Jamef.com.br



'Muitos não acreditavam que eu conseguiria', diz autista premiado em Portugal

Diogo Nolasco ingressou no curso de História, na Universidade de Coimbra, em Portugal, com uma das maiores notas. Diagnosticado com autismo, ele ganhou o prêmio "UC à Frente". Com uma paixão pela área, reconhecida por colegas e professores, ele afirmou que, no entanto, não foi sempre assim. 🧩

Reprodução / Universidade de Coimbra



Diogo Nolasco, na Universidade de Coimbra (Portugal)

III SEMINÁRIO SOBRE (evento híbrido) AUTISMO DA SERRA GAÚCHA

12 DE ABRIL DE 2022 | 18H ÀS 22H30

TEATRO FSG - CAXIAS DO SUL/RS



FÁTIMA
DE KWANT



PALESTRANTES

LUCELMO
LACERDA

@institutounitea
/unitea-autismo
@institutounitea
UnITEA

INSCRIÇÕES:



REVISTA
AUTISMO

FSG
Centro
Universitário

DUPONT
SPILLER
PADANELLI
ADVOCADOS

La Salle
Carmo

Sicredi
Pioneira

Instituto
UnITEA

Apoio:

Patrocínio

Idealização e realização:

INFORMAÇÕES: ☎ (54) 99269.1651

✉ contato@unitea.com.br

🌐 unitea.com.br

'Espectros' é o novo podcast de entrevistas

Dia 25.fev.2022, foi lançado o "Espectros", um podcast de entrevistas desta Revista Autismo. Mensalmente, o jornalista Tiago Abreu recebe as pessoas que constroem a comunidade do autismo no Brasil para saber mais sobre estes indivíduos além da história, seja familiar, profissional ou pessoal com o diagnóstico.

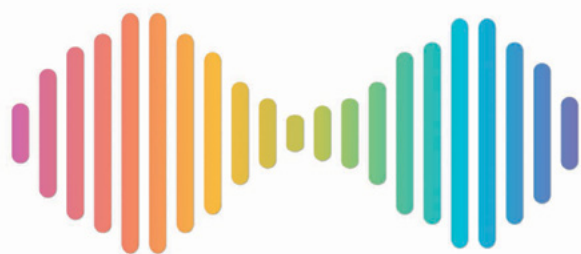


Saiba mais no
canalautismo.com.br



Nova versão da Caderneta da Criança tem instruções sobre o autismo

A terceira edição da Caderneta da Criança contém informações sobre o autismo. O material introduz a escala M-CHAT-R, que ajuda a identificar o autismo em bebês e crianças pequenas. ➡



ESPECTROS

Autismo em entrevista

Canal Autismo / Revista Autismo

**INCENTIVO
E CONHECIMENTO
É O QUE PRECISAMOS**

02 DE ABRIL

DIA MUNDIAL DE
CONSCIENTIZAÇÃO
DO AUTISMO



**Azul cargo
Express**

Mais barato do que você pensa.
Mais rápido do que imagina.

www.azulcargoeexpress.com.br | Central de Atendimento: (11) 4003-8399

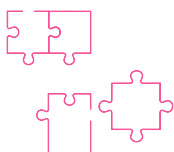
Liga dos Autistas

Ilustração: Lucas Dias @_tangg_

Kamilla
Brandão

é membro da Liga dos Autistas, trabalha há 10 anos na área de finanças, é medalhista estadual de tiro esportivo, trader, pretensa escritora, aficionada por qualquer coisa aleatória que consiga prender sua atenção, diagnosticada com autismo aos 28 anos, após o segundo burnout.

📷 @liga.dos.autistas



PERFEIÇÃO FALSA

Ouvi de uma pessoa que autistas diagnosticados tardiamente têm sorte, pois não são envolvidos em uma aura de superproteção e se desenvolvem mais. “Olha como sua vida está bem resolvida aos 30 anos!” Na hora, meu ímpeto de fugir de conflitos concordou, mas isso me levou a uma profunda reflexão.

Eu sabia que não era igual às outras pessoas, sempre soube. Eu me via como alguém anormal, constantemente inadequada. Lutei com todas as minhas forças pra ser igual, e por mais que eu lutasse, eu não alcançava, nunca, o bastante, e nunca fui “uma deles”. Eu chegava exausta todos os dias em casa, e mesmo assim me viam como “a esquisita” e me excluía. Tive síndrome do

pânico aos 8 anos e passei meses sem ir à escola porque era uma situação tão exaustiva, física e emocionalmente, que eu adoecia, e tive diversos problemas de saúde para que me impedissem de ir à escola.

Sabem o que eu ganhei? Acolhimento? Suporte? Ajuda?

Não! Ganhei frases “estilo” motivacionais de “todo mundo tem algum problema e mesmo assim continua fazendo suas obrigações” ou “você precisa ser forte” ou “se todo mundo aguenta essa rotina porque você não?”

Um dia, as frases surtiram efeito, me levantei, voltei pra escola, enfrentei as gozações, as agressões e a exclusão. Descobri quem as pessoas queriam que eu fosse e treinei muito pra ser essa pessoa. Eu criei um ser perfeito, com

#AutistaEmTodoLugar



retalhos de perfeição esperados de mim. E passei a minha vida inteira tentando ser essa pessoa. Tratei todas as minhas limitações como fraquezas e as escondi, tão fundo que nem eu mesma pudesse vê-las. Sequei minhas lágrimas para sempre.

"Ah, mas olha o que você conquistou!" Sim, tenho uma vida que é vista pela sociedade como muito boa. Tenho bens materiais, tenho um emprego, um marido, alguns amigos, um hobby. Mas sabe o que mais eu tenho? Eu não consigo curtir nada, continuo me sentindo exausta, continuo achando que não sou o bastante, que as pessoas estão comigo por pena, que sou um fardo na vida de quem amo, que nunca faço nada direito, que sou uma fraude

a ser descoberta a qualquer momento e que tudo que conquistei foi pura sorte, porque meu raciocínio é: "como que alguém tão incompetente e horrível como eu haveria de conquistar algo?" Tive vários episódios de depressão, crises de ansiedade, dois burnouts e uma paralisia facial que, segundo o neurologista, foi causada por um pico de estresse que destruiu meu sistema imunológico.

Eu, com 31 anos, estou aprendendo quem eu sou, do que gosto, aprendendo a expor meus sentimentos, tentando restaurar minha autoestima. Completamente despedaçada sem nem poder mostrar porque continuo presa à imagem da mulher perfeita que está incutida em mim.

Sim, eu conquistei muitas coisas, mas me pergunto, a troco de quê?

A sua empresa usa o potencial da

**internet
para
lucrar?**

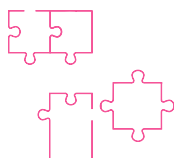


Nós somos especialistas em Internet e podemos te ajudar a tirar proveito disso.

Dados de Associação Brasileira de Internet estimam que, em 2016, o faturamento conjunto de todas as empresas que atuam no segmento no Brasil foi de R\$ 139,61 bilhões.



www.hostnet.com.br



ATÍPICA

MÃE
DE
AUTISTASOU
AUTISTAMEU
FILHO
É
AUTISTA

Autismo Severo

Haydée
Freire
Jacques

é casada e mãe de dois filhos, sendo o mais moço autista severo. Formou-se em odontologia, exerceu a profissão até 2006, quando decidiu dedicar-se integralmente ao filho.



Ilustração: Fernanda barbi brock @fer.barbi.brock

SENTIMENTOS



Somos seres sociais, essa pandemia só veio confirmar isso. Sendo assim, é bom fazer parte, ser semelhante. Por isso, quando temos um filho com deficiência, a questão do diferente se coloca de forma intensa. No início, quando o Pedro era pequeno, seu comportamento era o de uma criança linda e muito levada, não se destacava. À medida que foi crescendo, a coisa mudou radicalmente. Nos anos 90, não era comum ver pessoas com filhos com deficiências na rua, em lojas, cinemas e outros lugares públicos, parecia até que eles não existiam. Com exceção dos deficientes visuais e das pessoas com síndrome de Down. De modo que era muito frequente nós chamarmos a atenção das pessoas, pelo inusitado. Isso me incomodava sobremaneira. E esse incômodo virava raiva com muita rapidez. Raiva das pessoas curiosas, raiva de mim, raiva do mundo. Era uma cascata, meu comportamento agressivo atingia o Pedro em cheio, ele percebia ser o motivo de tudo. Aí eu ficava ainda mais furiosa. Muita discussão eu tive com perfeitos desconhecidos. O que mais me intrigava e chateava é que, subjacente à raiva, havia uma certa vergonha... De quê? Por ter um filho tão diferente? Nunca entendi direito. Acontece que as coisas eram assim.

Com o tempo, eu percebi que tentar esclarecer as pessoas seria melhor. Fiz panfletos, que distribuía nos hotéis em que íamos, nos restaurantes que

frequentávamos, no clube, na piscina. Ajudou bastante. Eu me tornei um outdoor ambulante, tinha incontáveis camisetas com textos curtos sobre autismo. Eram meu uniforme. Essas iniciativas também ajudaram muito. E foi então que percebi que as pessoas, via de regra, querem ser amigáveis, interessadas, mas não sabem bem como. Mas, a vergonha estava lá, até que percebi, um dia, que ela já não estava comigo!

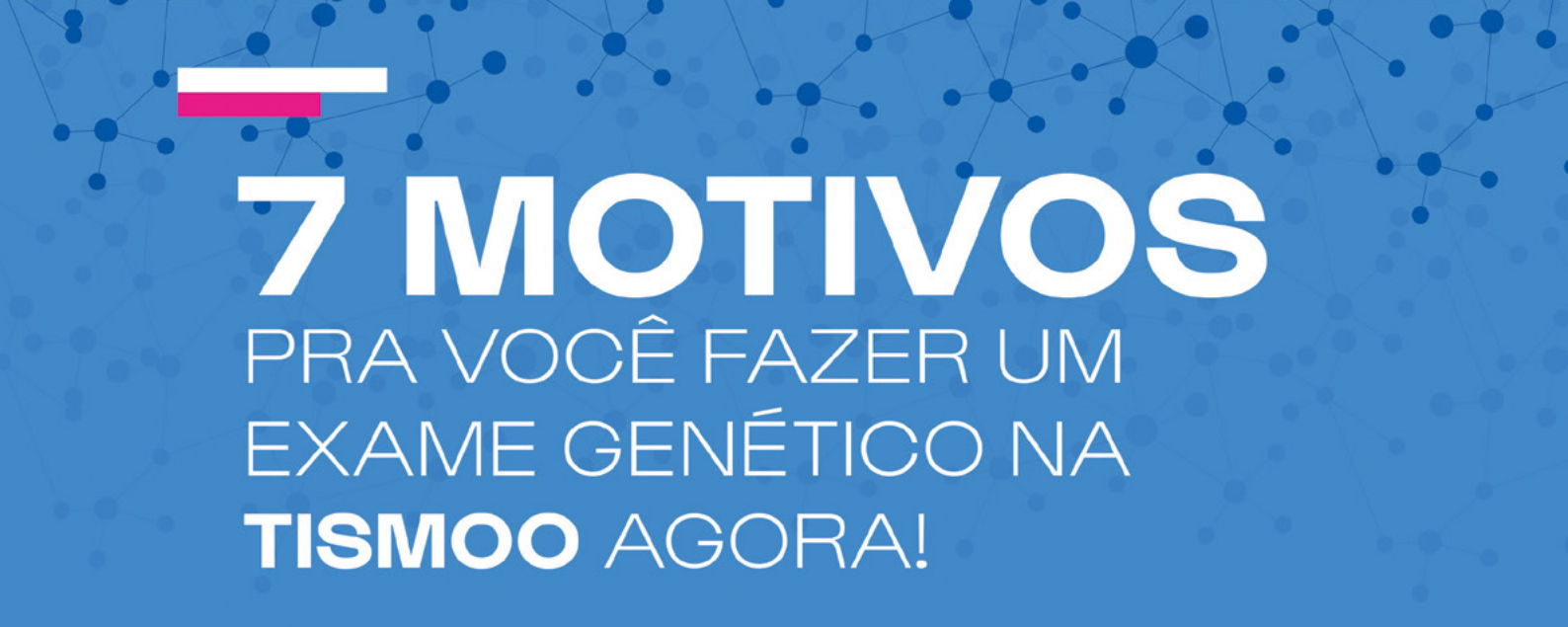
Como? O que mudou? Eu mudei.

Percebi que agora eu e Pedro nos aceitamos como iguais. Onde quer que nós possamos ir, somos iguais, ainda que diferentes. Para mim é natural que o Pedro tenha comportamentos próprios, esse é ele, e tudo bem, realmente, tu-do-bem!! E me sentindo assim e agindo assim, para as pessoas que nos encontram fica fácil aceitar que as coisas são assim, e que o Pedro é um cara super legal.

Há muitos anos ouvi de uma mãe que a sua meta era treinar o filho para que ele "não parecesse" autista! Quanta dor, quanto desespero nessa mulher!

Meu filho é autista, com tudo o que isso pode significar. Eu não sou, com tudo o que isso possa significar. Não tem que parecer normal, o normal é o autismo dele.

Somos iguais, cidadãos, com sentimentos e vontades e direitos. Somos dois seres humanos.



7 MOTIVOS

PRA VOCÊ FAZER UM EXAME GENÉTICO NA TISMOO AGORA!

1 O risco de autismo é majoritariamente genético e em 81% dos casos hereditário;

2 Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode viabilizar um tratamento personalizado;*

3 Existem mais de 1.000 genes diferentes associados ao autismo, sendo que 102 deles possuem maior relevância;**

4 Com o sequenciamento genético é possível identificar outras condições de saúde ou síndromes;

5 • Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode ajudá-lo(a) a participar de ensaios clínicos personalizados;

6 • A Tismoo é o primeiro laboratório do mundo exclusivamente dedicado ao TEA e conta com uma plataforma de bioinformática, especialmente construída para o autismo;

7 • Além do laudo, a Tismoo faz uma reunião pós-teste com seus especialistas e explica detalhadamente os resultados para família;

* a possibilidade ou não de um tratamento personalizado está condicionada aos achados do sequenciamento.

** Pesquisa analisou sequenciamento genético de mais de 35 mil autistas e elevou para 102 o número dos principais genes ligados ao TEA.

Quer saber mais sobre os nossos exames?

tismoo.com.br

 cel. +55 11 95638 4178

tismoo
THE BIOTECH COMPANY

*Vale destacar que o diagnóstico de autismo é clínico e um médico especialista deve ser consultado.

autismo em dia

autismo não se cura, se compreende

Confira nosso site

Blog com + de 1 milhão de acessos!
Encontre dicas, orientações, informações
sobre terapias e comportamentos.

E-books gratuitos



Histórias reais e proTEAgonistas



Fique em dia com o Autismo.
Acesse: autismoemdia.com.br



Autismo em dia



@autismoemdia



Autismo em dia



Acesse e confira